



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

CYRANO DE BELCYMAR FREIRE FORMIGA

A INTERTEXTUALIDADE EM *MACUNAÍMA*: DO ROMANCE AO CORDEL

CAJAZEIRAS – PB

2024

CYRANO DE BELCYMAR FREIRE FORMIGA

A INTERTEXTUALIDADE EM *MACUNAÍMA*: DO ROMANCE AO CORDEL

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Letras – Língua Portuguesa, da Unidade Acadêmica de Letras, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras como critério para a obtenção do título de licenciado em letras.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Gildemar Pontes

CAJAZEIRAS – PB

2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

F725i	<p>Formiga, Cyrano de Belcymar Freire. A intertextualidade em Macunaíma: do romance ao cordel / Cyrano de Belcymar Freire Formiga. – Cajazeiras, 2024. 40f. : il. Color. Bibliografia.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Carlos Gildemar Pontes. Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2024.</p> <p>1. Análise literária. 2. Intertextualidade. 3. Literatura brasileira. 4. Macunaíma. 5. Mário de Andrade. 6. Stélio Torquato. I. Pontes, Carlos Gildemar. II. Título.</p>
UFCG/CFP/BS	CDU – 82.09

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

A INTERTEXTUALIDADE EM MACUNAÍMA: DO ROMANCE AO CORDEL

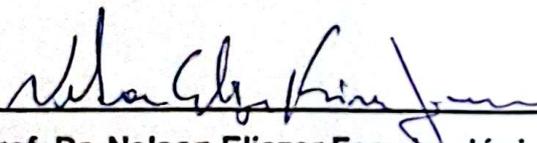
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Letras – Língua Portuguesa, da Unidade Acadêmica de Letras, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras como critério para a obtenção do título de licenciado em letras.

Aprovado em: 24 / 04 / 2024

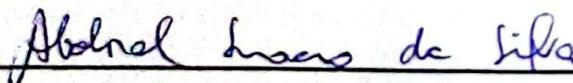
Banca examinadora:



Prof. Dr. Carlos Gildemar Pontes
(UAL/CFP/UFCG – Orientador)



Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 1)



Prof. Ms. Abdoral Inácio da Silva
(UAL/CFP/UFCG – Examinador 2)

Ao meu amigo amado Fredi Moura, que sempre esteve ao meu lado e me apoiou nos momentos sombrios, sendo calma-ria em dias nublados e lar em momentos de dor e medo, **dedico!**

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares, que foram fundamentais para a minha formação.

Aos meus amigos, que entenderam o meu afastamento para a produção deste trabalho.

Ao meu professor e orientador Dr. Carlos Gildemar Pontes, por me auxiliar na elaboração deste texto e pelas oportunidades que me deu ao longo da graduação.

Aos professores do curso de Letras - Língua Portuguesa, que através dos seus ensinamentos possibilitaram a conclusão deste trabalho.

Às professoras Cidora Teotonio e Sayonarah Freire, que me ensinaram a ser, acima de tudo, um ser humano bom.

RESUMO

Sob o prisma da intertextualidade, este estudo propõe a análise de duas obras literárias brasileiras: *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, 2019, de Mário de Andrade, e *Macunaíma em Cordel*, 2018, de Stélio Torquato. A intertextualidade é abordada como o conceito que descreve as relações entre textos, onde um texto faz referência, citação ou estabelece diálogo com outros textos e desempenha papel importante na criação de significados e no enriquecimento da experiência de leitura. Neste estudo, foram identificadas e discutidas as ocorrências de intertextualidade em ambas as obras, destacando-se a intertextualidade em sentido restrito (explícita e implícita). Os resultados revelaram que ambas as obras apresentam exemplos de intertextualidade explícita e implícita, estabelecendo conexões significativas entre as obras de diferentes tradições e épocas, o que contribui para a diversidade cultural e artística da literatura brasileira. A intertextualidade emerge como uma poderosa ferramenta para a criação artística e a compreensão da identidade literária do Brasil, promovendo um diálogo entre autores e leitores e enriquecendo o repertório literário nacional. Este trabalho lança luz sobre a relevância do estudo da intertextualidade e sua capacidade de ampliar as interpretações e significados das obras literárias.

Palavras-chave: Intertextualidade. Literatura Brasileira. Macunaíma. Mário de Andrade. Stélio Torquato.

ABSTRACT

Under the prism of intertextuality, this study proposes a comparative analysis between two Brazilian literary works: *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, 2019, by Mário de Andrade, and *Macunaíma em Cordel*, 2018, by Stélio Torquato. Intertextuality is approached as the concept that describes the relationships between texts, where one text makes references, citations, or establishes a dialogue with other texts, playing an important role in creating meanings and enriching the reading experience. In this study, occurrences of intertextuality in both works were identified and discussed, highlighting explicit and implicit intertextuality as well as typological intertextuality. The results revealed that both works present examples of explicit and implicit intertextuality, establishing significant connections between works from different traditions and epochs, contributing to the cultural and artistic diversity of Brazilian literature. Intertextuality emerges as a powerful tool for artistic creation and understanding the literary identity of Brazil, fostering a dialogue between authors and readers and enriching the national literary repertoire. This work sheds light on the relevance of studying intertextuality and its capacity to expand interpretations and meanings of literary works.

Keywords: Intertextuality. Brazilian Literature. Macunaíma. Mário de Andrade. Stélio Torquato.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 LITERATURA BRASILEIRA E INTERTEXTUALIDADE	10
2.1 A LITERATURA NO CENÁRIO BRASILEIRO	10
2.2 INTERTEXTUALIDADE E HIPERTEXTUALIDADE	13
3 O 'HERÓI' SEM CARÁTER MULTIFACETADO DO BRASIL	18
4 <i>MACUNAÍMA EM CORDEL</i>	23
5 DO ROMANCE AO CORDEL: UMA ANÁLISE HIPERTEXTUAL À LUZ DA TEORIA DE GERARD GENETTE	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	36

1 INTRODUÇÃO

A intertextualidade é o conceito que descreve as relações entre textos, onde um texto faz referência, citação ou estabelece diálogo com outros textos. Essa conexão ocorre através de estratégias como citações, paráfrases e alusões. A intertextualidade reconhece que os textos não existem isoladamente, mas estão em constante interação com outros textos e com a tradição literária. Ela desempenha um papel importante na criação de significados, na ampliação das interpretações e no enriquecimento da experiência de leitura.

Segundo Samoyault (2008), a intertextualidade apresenta a oportunidade de agrupar diferentes manifestações literárias apontando sua relação e entrecruzamento, o que se mostra como vantagem, uma vez que ela é fundamentada na descrição de passagens e na correlação de diferentes obras. Dessa maneira, a presente pesquisa visa discutir a hipertextualidade que há entre as obras *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, 2019, de Mário de Andrade, e *Macunaíma em Cordel*, 2018, de Stélio Torquato.

A obra em cordel é uma adaptação do romance escrito em 1928, por Mário de Andrade. No texto de 2018, Torquato reconta a história do protagonista Macunaíma, um 'herói' ambíguo que representa a identidade brasileira em suas diversas facetas, deixando clara a relação entre os textos. Através de seus versos, nos é apresentado as aventuras e desventuras do anti-herói, suas peripécias e encontros com personagens mitológicos e folclóricos, além de destacar as questões sociais e culturais também presentes na obra original de Andrade.

Foram elencados, portanto, os seguintes objetivos específicos: a) Analisar os conceitos de Intertextualidade e b) Apresentar a relação semântica entre as obras *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter* e *Macunaíma em Cordel*. Ademais, este trabalho surge a partir da necessidade de analisar um dos romances mais significativos da literatura nacional, comparando-o com uma produção mais jovem e que celebra o clássico, merecendo igual atenção e respeito, pois mantém viva a memória de uma obra muitas vezes esquecida, apesar de sua importância.

A presente pesquisa mostra-se relevante por apresentar um novo olhar sobre obras nacionais fundamentais para a construção da identidade literária do Brasil. Outrossim, há poucos estudos acerca dessa relação intertextual entre as obras citadas anteriormente, o que torna este trabalho fundamental para os próximos

estudos acerca de ambos os textos, além de manter viva uma narrativa importantíssima para a literatura nacional.

Ante esse cenário, levantou-se o questionamento: como se dá a intertextualidade entre as obras *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, 2019, de Mário de Andrade, e *Macunaíma em Cordel*, 2018, de Stélio Torquato? Parte-se do pressuposto de que o romance se relaciona de forma semântica com a obra em cordel.

Ademais, o presente trabalho está dividido em cinco capítulos. Neste inicial, é exposto o tema, o objetivo geral e os específicos da pesquisa, a natureza da pesquisa e o *corpus* analisado. O segundo capítulo traz uma discussão sobre a literatura no contexto brasileiro e sobre a intertextualidade.

O terceiro e quarto capítulos apresentam e discutem, respectivamente, as obras de Andrade e Torquato, *corpus* deste trabalho. O quinto capítulo, por outro lado, analisa a relação hipertextual do romance e do cordel à luz da teoria de Gerard Genette.

Por fim, o último traz as considerações finais desta pesquisa, partindo do pressuposto de que esta produção é apenas um ponto de partida para as próximas análises acerca da relação hipertextual do romance de Andrade com o cordel de Torquato.

2 LITERATURA BRASILEIRA E INTERTEXTUALIDADE

Neste capítulo, aborda-se a literatura brasileira e a intertextualidade. No que diz respeito à literatura brasileira, são discutidas suas características, movimentos literários e principais autores, apresentando um panorama da produção literária do país ao longo do tempo.

Já a intertextualidade, por sua vez, é abordada como um conceito que envolve as relações entre textos, sejam elas explícitas ou implícitas, destacando sua importância na compreensão e interpretação das obras literárias, com exemplos de diferentes formas de intertextualidade em diversos gêneros literários.

2.1 A LITERATURA NO CENÁRIO BRASILEIRO

É sabido que a literatura é uma ferramenta necessária e vital para a libertação e construção de uma identidade nacional e/ou social. Através dela, a vida é mimetizada e, conseqüentemente, materializada na história, refletindo um período histórico de forma literal ou através da ficção.

Na sua essência, a literatura é uma manifestação cultural que se destaca pela riqueza e diversidade de estilos, temas e abordagens. Ela assume a forma de poesia, prosa, drama ou ensaio, sendo impulsionada por uma variedade de propósitos, como entreter, informar, questionar e até mesmo provocar mudanças sociais. A literatura estimula os sentidos e desperta emoções por meio de metáforas, alegorias, personagens e enredos, permitindo que o leitor se identifique com os dilemas humanos, sonhe com mundos alternativos ou se aprofunde em questões filosóficas.

Além disso, a literatura brasileira, desde o período colonial, manifestou um sentimento nativista e posteriormente nacionalista, distinguindo-se do estilo português. A influência portuguesa persistiu, mas o apego à terra e o afeto pelo Brasil começaram a se expressar em obras literárias com estilo próprio. De acordo com Veríssimo (1915), a literatura brasileira evoluiu de forma diferente da portuguesa, embora não apresente divisões claras em sua história.

Para Bosi (2006, p. 13), “[...] em mais de um momento a inteligência brasileira, reagindo contra certos processos agudos de europeização, procurou nas raízes da terra e do nativo imagens para se afirmar em face do estrangeiro”. No romance

Macunaíma: o herói sem nenhum caráter (2019), Andrade propõe, entre outras coisas, uma identidade para o Brasil, para um corpo miscigenado e filho desta terra.

Nessa perspectiva, Pontes (2021, p. 19) afirma que “[...] ao longo da história do Brasil percebemos uma preocupação constante entre historiadores, escritores e intelectuais, de definir conceitos de identidade nacional, brasilidade, nacionalismo”. Ainda de acordo com o pesquisador, “o poder de definir a identidade está sempre no elemento externo à identidade” (p. 64). Em outras palavras, o detentor do poder econômico e armado é quem define a identidade do povo colonizado.

Durante o período colonial, a literatura brasileira refletia principalmente a tradição literária portuguesa, mas as reações ao ambiente e às mudanças sociais e políticas contribuíram para diferenciá-la. No entanto, as categorizações tradicionais dos períodos literários brasileiros não correspondem completamente aos fatos, pois a literatura brasileira carecia de autonomia e passou por poucas mudanças em sua inspiração, estilo e estética durante seu período inicial (Veríssimo, 1915).

Somente no final do século XVIII começaram a surgir poetas brasileiros com características distintas, embora ainda influenciados pelo seiscentismo português (Veríssimo, 1915). Assim, no período nacionalista da literatura brasileira, que se seguiu ao período colonial, a poesia brasileira começou a desenvolver um espírito nacional consciente, diferenciando-se da literatura portuguesa.

A influência do Romantismo europeu foi significativa, levando a um movimento literário marcado pela valorização do indígena, do amor à natureza e à história do país, bem como por um conceito sentimentalista da vida. Esse período durou até meados da década de 1870 e foi seguido por influências de correntes de pensamento europeias, como o positivismo, o evolucionismo, o materialismo, o comtismo e o socialismo (Veríssimo, 1915).

No entanto, essas influências contraditórias não produziram um movimento literário coeso e homogêneo. Apesar das classificações utilizadas para compreender os fatos literários, é difícil estabelecer uma categorização perfeita na história literária brasileira. O pensamento científico e filosófico dominante no século XIX, conhecido como pensamento moderno, desempenhou um papel importante nesse período literário, com ênfase na infalibilidade da ciência e em uma opinião exagerada de sua importância (Veríssimo, 1915).

Com o tempo, surgiram influências na literatura baseadas em correntes de pensamento europeias, como o positivismo, o evolucionismo, o socialismo e o

romantismo. O positivismo é uma corrente filosófica que teve seu auge no século XIX, sendo fundada pelo filósofo francês Auguste Comte. Essa corrente valoriza o conhecimento científico e a observação empírica como os principais meios para compreender a realidade.

Nessa linha de raciocínio, acredita-se que a ciência pode explicar e resolver os problemas da sociedade, e que o conhecimento deve ser baseado em fatos concretos, evitando especulações metafísicas ou teorias abstratas. Comte desenvolveu uma abordagem científica conhecida como 'Lei dos Três Estados', que classifica o desenvolvimento do conhecimento humano em três fases: teológica, metafísica e positiva, cada uma caracterizada por diferentes formas de pensamento.

O evolucionismo, por sua vez, é uma corrente de pensamento que surgiu no século XIX, influenciada pelas teorias do naturalista britânico Charles Darwin, especialmente com a sua obra *A Origem das Espécies* (1859). Essa corrente tem como base a evolução e a transformação das espécies e das sociedades humanas ao longo do tempo, sendo resultado de um processo de seleção natural e de adaptação ao ambiente. No contexto da literatura, o evolucionismo influenciou a forma como os autores representavam a mudança e a evolução das personagens, das sociedades e das culturas.

Já o socialismo representa uma doutrina política que busca a igualdade social e econômica, com ênfase na propriedade coletiva dos meios de produção e na distribuição equitativa de riquezas. Ademais, ele surgiu como uma reação às desigualdades e injustiças do sistema capitalista, propondo uma sociedade mais justa e solidária. Na literatura, o socialismo é fonte de inspiração para obras que abordam questões sociais, desigualdades econômicas e lutas de classes.

O Romantismo, por outro lado, é um movimento artístico, cultural e literário que se desenvolveu no final do século XVIII e no início do século XIX, sendo caracterizado por valorizar a emoção, a subjetividade, a imaginação e a natureza. Esse movimento se opôs à razão e ao racionalismo do período anterior, o Iluminismo, buscando a liberdade criativa, expressando sentimentos profundos e exaltando a individualidade. Os escritores desse período exploravam, frequentemente, temas como o amor, a solidão, o sobrenatural e a nostalgia do passado. Desse modo, o Romantismo teve uma grande influência na literatura, deixando um legado de obras literárias emocionais e idealistas.

Após essa expressão artística, ocorreu uma ruptura e o surgimento de um movimento literário inspirado por ideias modernas, como o racionalismo científico e o liberalismo político. Essa fase, conhecida como Modernismo, não apresentou uma manifestação literária homogênea, mas refletiu o pensamento científico e filosófico predominante da época (Veríssimo, 1915).

No Brasil, esse movimento surgiu como um processo de ruptura com o passado, propondo uma quebra dos padrões estéticos e uma busca expressiva pela identidade nacional. Mas foi só em 1922 que o Modernismo estreou para o povo brasileiro através da Semana de Arte Moderna, que contou com nomes importantes da arte nacional. Outrossim, como era de se esperar de jornais e de críticos tradicionais, o movimento foi duramente criticado pelo seu caráter rebelde, que buscava, sobretudo, a liberdade de um país colonizado e a identidade de um povo mestiço, como é visível em *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, 2019, de Mário de Andrade.

Para Coutinho (2008, p. 49), “[...] já não vive a literatura brasileira inspirada na miragem europeia, mas é no Brasil que ela busca os motivos de enriquecimento da imaginação criadora”. Ainda em conformidade com o professor, a literatura brasileira exprime uma linguagem sensível e nacional, que a diferencia dos clássicos portugueses.

É importante ressaltar, também, que a literatura brasileira vai além dos escritores e das obras tradicionalmente consideradas literárias, abrangendo também aqueles que contribuíram para a cultura do país, mesmo sem qualificações literárias específicas. Isso porque ela reflete o cotidiano da humanidade em diferentes contextos temporais e espaciais, tornando-se, ao mesmo tempo, um indicador das estruturas sociais. Dessa forma, os textos literários oferecem a possibilidade de interpretar os princípios defendidos pela nação, buscando uma direção para os verdadeiros valores da identidade nacional, à medida que expõem as diversas transformações políticas e sociais vivenciadas pela sociedade (Santos, 2013).

2.2 INTERTEXTUALIDADE E HIPERTEXTUALIDADE

É preciso entender, primeiro, que todo texto é feito a partir de elementos preexistentes, portanto, é um entrelace de textos que se unem e formam um novo.

Nessa perspectiva, a literatura, para Genette (2006, p. 7), se dá por meio da transtextualidade, que é entendida como “[...] tudo que o coloca [o texto] em relação, manifesta ou secreta com outros textos”. Ainda de acordo com a perspectiva dele, a intertextualidade é, indubitavelmente, parte fundamental das interações comunicativas, mantendo a presença “[...] efetiva de um texto dentro de outro” (p. 8). Mas nem sempre foi assim, pois “[...] o modelo romântico de crítica literária privilegiou a originalidade a tal ponto que colocava em segundo plano a relação entre os textos, impedindo a percepção da intertextualidade como processo constitutivo da literatura” (Paulino; Walty; Cury, 2005, p. 21).

Genette (2006) não considera, portanto, o texto em sua singularidade, mas a partir da relação que ele mantém com outros. Para ele, a intertextualidade é “[...] uma relação de co-presença entre dois ou vários textos” (p. 8). Por outro lado, “[...] a imprecisão teórica que envolve a noção de intertextualidade deve-se à bipartição de seu sentido em duas direções distintas” (Samoyault, 2008, p. 13), sendo uma delas um instrumento estilístico e a outra uma noção poética. Trata-se, no primeiro caso, de uma relação linguística, como um “[...] mosaico de sentidos e de discursos anteriores” (p. 13); já no segundo caso, há uma limitação à retomada dos enunciados, sendo possível através de mecanismos como a citação, a alusão etc.

Samoyault (2008) compreende a intertextualidade, primeiro, como parte fundamental do texto e vai de encontro à ideia de que ele é um “[...] cruzamento de enunciados tomados de outros textos, transposição de enunciados anteriores ou síncronos” (Kristeva, 1969, p. 115 *apud* Samoyault, 2008, p. 15). Ademais, as palavras se transformam quando em contato com outros textos, sendo elas dotadas de sentido, transformando o texto B em uma espécie de releitura de outros textos.

Na lógica bakhtiniana, todo texto, escrito ou falado, se constitui a partir de vozes anteriores. Logo, toda produção se faz por meio de resíduos, de textos preexistentes à nova obra, como uma colcha de retalhos escolhidos pelo autor com uma finalidade específica. Apesar de as novas obras serem constituídas de vozes anteriores, o autor não perde a sua autonomia, e nesse sentido, Brait (1997, p. 339) afirma que “[...] o sujeito que compreende, participa do diálogo continuando a criação da obra, multiplicando a riqueza do já-dito”. Além disso, “a comunicação estética é parte do eterno inacabamento de uma obra de arte, pois a obra estará sempre revitalizando-se e renovando-se por meio das recriações sucessivas de seus contempladores” (p. 339).

Genette foi quem problematizou a noção de intertextualidade ao dizer que cada autor tem sua especificidade, mas que todos os textos formam um grande e interminável livro. Em outras palavras, ele aponta que a intertextualidade presente nas obras faz com que elas interajam entre si, como um único texto. Portanto, ao lermos um texto (B) estamos lendo também um texto (A). Assim, fica clara a importância da intertextualidade para a produção de sentido na literatura de forma geral. Outrossim, esse recurso é parte constitutiva do texto, sendo responsável pela conexão que todos os textos mantêm entre si de forma intemporal. Textos do passado presentes no presente e textos do presente reescritos no futuro.

Tendo em vista a importância de Genette para a compreensão do conceito de intertextualidade, é preciso dizer que a principal base deste trabalho é a sua teoria acerca da Transtextualidade, formulada a partir de estudos sobre a re-escritura e a transcendência textual, que foi desenvolvida em dois livros: *Introduction à l'architexte* (1979) e *Palimpsestes* (1982). No primeiro livro, Genette faz referência a quatro tipos de relações transtextuais: intertextualidade, metatextualidade, paratextualidade (ainda sem um conceito definitivo) e arquitextualidade. No segundo, surge um quinto tipo de relação transtextual, a hipertextualidade, que assume o conceito de paratextualidade de *Introduction à l'architexte*.

Genette (2006) reconhece, ainda, três tipos de relações intertextuais: a) Citação - A forma mais explícita e mais literal, podendo aparecer entre aspas, com ou sem referências completas; b) Plágio - Uma forma menos explícita e menos legítima que a anterior, ainda literal, que Genette define como um empréstimo não declarado; c) Alusão - A forma menos explícita e menos literal das três supõe uma relação entre dois textos a partir de um enunciado que remete necessariamente a outro.

Nessa perspectiva, a paratextualidade é a relação que o texto mantém, no sentido de seu conjunto e o seu paratexto (título, subtítulo, intertítulo, prefácio, posfácio, advertência, notas marginais, notas de rodapé, epígrafes, desenhos, etc.). Ademais, a metatextualidade é a relação crítica que une um texto a outro de que se fala sem a citação comentada do texto. Não obstante a isso, a hipertextualidade é compreendida como toda relação que une um texto B, o hipertexto, a um texto A, o hipotexto. Para Genette (2006, p. 18) ela é “[...] evidentemente um aspecto universal (no grau próximo) da literariedade: é próprio da obra literária que, em algum grau e segundo as leituras, evoque alguma outra e, nesse sentido, todas as obras são hipertextuais”.

A paródia é um elemento fundamental na hipertextualidade. Como paródia, deve-se entender o desvio de texto pela transformação mínima. Assim, lendo-se o hipertexto identifica-se o hipotexto. O disfarce é uma das categorias hipertextuais e representa uma transformação estilística com função degradante. Na derivação descritiva: B fala de A, mas se sustenta sozinho.

Além disso, Genette (2006) caracteriza mais um elemento da hipertextualidade: o pastiche. Para ele, o pastiche é a imitação elaborada, logo, carregada da essência do imitador. A nova obra, como é o caso de *Macunaíma em Cordel*, 2018, de Stélio Torquato, aqui analisada, pode ser vista também como um pastiche, pois no processo de reescritura enriquece com a elaboração na forma poética popular da rapsódia/romance *Macunaíma*, de Mário de Andrade.

Quanto à arquitextualidade, pode-se dizer que é a ideia mais abstrata e mais implícita. É a relação muda que menciona paratextualmente, titular ou infratitular, a indicação do texto. A menção é titular quando vem junto ao título da obra e infratitular quando o gênero é indicado e acompanha o título da obra.

Findada essa reduzida introdução ao conceito de transtextualidade, deve-se entender que as relações transtextuais são dinâmicas e cabe ao leitor, ao crítico, ao pesquisador determinar a generalidade que qualifica a obra. Dessa forma, a compreensão dessas relações requer um olhar atento e uma análise cuidadosa das conexões estabelecidas entre os textos. É por meio desse diálogo intertextual que as obras se expandem, se entrelaçam e adquirem novos significados, proporcionando uma experiência enriquecedora tanto para quem cria quanto para quem interpreta.

Ainda nesse campo, a intertextualidade está intrinsecamente ligada à poeticidade e à evolução literária, sendo um conceito relativamente recente em sua compreensão. Ela se expressa em uma linguagem que incorpora o vocabulário acumulado dos textos existentes. Embora alguns educadores possam considerar a intertextualidade algo impossível, podemos, ao contrário, interagir com a literatura, a leitura, a arte, a música e a poesia, levando-os a um intertexto, ou seja, à intertextualidade (Madeira; Cruz, 2013).

Tanto a verdade literária quanto a verdade histórica só podem ser construídas na multiplicidade dos textos e das escritas através da intertextualidade. A intertextualidade caracteriza-se, portanto, por um novo modo de leitura que nos desafia a explorar e interpretar as conexões entre os textos, revelando as múltiplas camadas de significado e as relações intertextuais presentes (Madeira; Cruz, 2013).

A adaptação em cordel permite uma nova abordagem da história, utilizando recursos estilísticos, linguísticos para transmitir a essência da narrativa e dos personagens, ao mesmo tempo em que mantém a essência e a mensagem da obra original. É uma forma de aproximar o público de todas as idades da riqueza da literatura brasileira, tornando-a mais acessível e atraente para novas gerações de leitores.

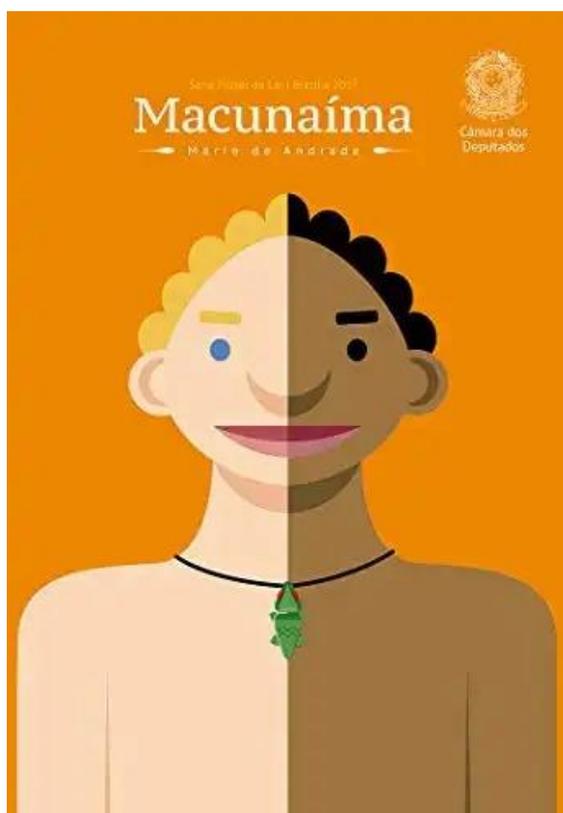
Assim como em outras formas de adaptação, é importante ressaltar que cada obra adaptada traz novas nuances e enfoques, oferecendo uma experiência única ao leitor. Outrossim, ao utilizar elementos de outro texto, o autor estabelece um diálogo com a obra original, criando um novo texto que resgata e reinterpreta aquele que serviu de referência para a nova produção.

3 O 'HERÓI' SEM CARÁTER MULTIFACETADO DO BRASIL

Macunaíma: o herói sem nenhum caráter é uma obra da literatura brasileira (Figura 1), escrita por Mário de Andrade e publicada, pela primeira vez, em 1928. É definida, pelo autor, como uma rapsódia modernista, uma vez que é caracterizada pela livre combinação de elementos diversos, incorporando trechos e estilos variados, como acontece com a própria história do anti-herói Macunaíma. O romance é uma forma de composição que remete à música, sendo constituído por uma série de episódios ou fragmentos que são conectados por um tema central.

Na obra, Andrade faz uso magistral dessa forma, criando uma narrativa fragmentada e movimentada, que capta a diversidade e a miscigenação da cultura brasileira e de seu povo. A história segue as aventuras e desventuras de Macunaíma, um anti-herói brasileiro de origem indígena e com características ambíguas.

Figura 1 – Capa do livro



Fonte: *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter* (Andrade, 2019).

A narrativa inicia descrevendo Macunaíma como sendo um herói preguiçoso e sem caráter definido, nascido “[...] no fundo do mato-virgem” (Andrade, 2019, p. 11).

Ele é representado como um anti-herói, como um personagem que não se encaixa nos padrões tradicionais de heroísmo. Macunaíma é conhecido por suas malandragens e artimanhas, sendo estas características do 'jeitinho brasileiro', e pela sua falta de caráter, que é destacada ao longo da história. O romance se desenvolve a partir de uma série de episódios e aventuras que exploram a diversidade cultural e geográfica do Brasil. O anti-herói viaja por diferentes regiões do país, encontrando personagens e vivendo situações fantásticas e absurdas.

Cada episódio é marcado por elementos mitológicos, folclóricos e culturais, que contribuem para a construção da identidade brasileira na obra. Ao longo de suas aventuras, Macunaíma se envolve em conflitos com diversos personagens, incluindo monstros, feiticeiros e figuras do folclore brasileiro. Ele também se apaixona por várias mulheres ao longo do caminho, mas sua busca pelo amor e pela satisfação é constantemente frustrada. A história de Macunaíma é permeada por um tom irônico e satírico, que critica e questiona a sociedade brasileira da época.

Essa obra reflete a diversidade étnica e cultural do país, abordando temas como a mistura de raças, as desigualdades sociais e a busca por uma identidade nacional. Durante as suas viagens, Macunaíma passa por várias transformações, incluindo a mudança de cor de sua pele, de preto para branco. Esta transformação é um dos elementos mais marcantes da história, simbolizando a complexa miscigenação racial do Brasil.

A temática da raça e da religião como fragmentos da identidade são mais duas das aproximações que os textos possuem. Para Brookshaw (1983, p. 15) “a fusão de mito e realidade na imaginação popular também ganhou substância”, e ele acrescenta dizendo que o “[...] propósito [dessa fusão] era criar uma evidente dicotomia entre humanidade branca cristã e a bestialidade preta pagã” (p. 15).

Essa dicotomia está presente em *Macunaíma*, mas não mais sob o olhar do colonizador, pois, segundo Pontes (2021, p. 64), “Na medida em que os submetidos à colonização lutam pela liberdade, vão dando origem a uma cultura diferente”. Logo, inserido no movimento Modernista, Mário de Andrade se apropriou desses estereótipos tidos pelo opressor europeu como bestiais e recontou essa fusão em sua literatura como sendo parte constitutiva do povo brasileiro.

Quanto às 'raças', o romance explora a origem delas através do mito. Na obra de Andrade, o anti-herói encontra uma poça de água com o formato do pé de Sumé, que era um pregador do evangelho de Jesus, e ao se banhar naquela água mágica,

ele se torna homem “[...] branco loiro e de olhos azuzinhos” (Andrade, 2019, p. 33). E a narrativa segue, em tom irônico, dizendo que a “[...] água lavara o pretume dele. E ninguém não seria capaz mais de indicar nele um filho da tribo retinta dos Tapanhumas” (p. 33).

Sobre o mesmo traço da identidade, Torquato opta por recontar o acontecimento em versos, mas ainda fieis à história de Andrade.

Banhando o corpo inteiro
Com aquela água quente,
Viu que toda a sua pele
Ficou branca de repente.
Loiro os cabelos ficaram
E os [olhos] se azularam,
Deixando-o muito contente (Torquato, 2018, p. 44).

O ‘herói’ de nossa gente é uma figura que transcende as categorias tradicionais de raça e identidade, refletindo a diversidade cultural do país.

Andrade (2019, p. 33) conta em prosa o mito das três raças escrevendo, por exemplo, que “[...] estava lindíssimo na Sol da lapa os três manos um loiro um vermelho outro negro, de pé bem erguidos e nus”. Torquato, por outro lado, através da reescritura, reelabora a mesma história, mas agora em versos.

Louro, vermelho e negro
Nasceram, pois, da porção
Daquela água encantada
Em que entrou cada irmão.
Eis o mosaico de cores
Que criaram os primores
E glória desta nação (Torquato, 2018, p. 45).

No final da história, Macunaíma se transforma em uma constelação no céu, representando a imortalidade e a presença eterna do ‘herói’ na cultura brasileira. Sua figura ambígua e sem caráter definido simboliza a complexidade da identidade brasileira, que é composta por uma multiplicidade de influências e contradições.

Macunaíma: o herói sem nenhum caráter é considerada uma das obras mais importantes do Modernismo brasileiro, representando uma ruptura com a tradição literária e abrindo caminho para novas formas de expressão artística. A obra de Mário de Andrade contribuiu para a construção de uma identidade nacional mais inclusiva e plural, explorando as raízes culturais do Brasil e desafiando os estereótipos e convenções estabelecidos.

Andrade, um dos grandes escritores brasileiros, era um intelectual completo, envolvendo-se em poesia, romance, crítica literária, música e folclore. A sua obra *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter* foi publicada, pela primeira vez, em 1928 com uma edição limitada de apenas 800 exemplares, financiada pelo próprio autor (Fusaro, 2019). A criação desse romance reflete a erudição de Mário, abordando a valorização da oralidade e o diálogo inteligente entre a cultura erudita e popular, uma das reivindicações do Modernismo.

O autor de *Macunaíma* escreveu o livro em apenas seis dias, embora sua aparente rapidez seja enganosa, pois ele possuía amplo conhecimento do folclore brasileiro e das relações entre o popular e o erudito. O romance enfrentou críticas conservadoras devido à sua narrativa caótica e ao protagonista sem caráter, mas Mário sabia que isso era uma manifestação do vanguardismo, e apesar de toda a crítica, a obra se tornou um marco na literatura brasileira (Fusaro, 2019).

A narrativa mistura cantos populares e música erudita. O personagem principal é um anti-herói sem caráter, que nasceu preto em uma tribo amazônica e se tornou branco em suas viagens pelo Brasil. Macunaíma busca recuperar seu amuleto roubado pelo vilão Venceslau Pietro Pietra, sendo o protagonista um retrato da miscigenação cultural brasileira, representando um país que ainda não se conhece completamente, com suas contradições admiráveis e censuráveis (Fusaro, 2019).

O anti-herói preguiçoso de Andrade reflete as revisões estéticas do Modernismo e continua sendo atual. O livro desafia idealismos e cria marcas estilísticas que colocam o Brasil em pé de igualdade com as vanguardas artísticas mundiais. O personagem é um espelho do povo brasileiro, cheio de irreverências e contradições. Essa obra representa um movimento literário e cultural fluido, renovado ao longo do tempo (Fusaro, 2019).

A força literária desse romance reside na representação de um país miscigenado, capaz de amalgamar diferenças e gerar desafios para a civilização brasileira. O personagem é uma síntese desse país, cujo significado etimológico é 'o grande mal'. A obra continua sendo relevante em nossa história, cultura e literatura, mostrando a necessidade de revisitar e refletir sobre ela (Fusaro, 2019).

Ao criar um romance modernista como *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, Mário de Andrade abriu caminho para novas experimentações na literatura brasileira. Sua obra certamente influenciou outros escritores e artistas, contribuindo para a construção de uma identidade literária brasileira mais autêntica e original. Essa

obra é uma celebração da brasilidade, ao mesmo tempo em que confronta seus desafios e contradições, tornando-se um retrato fiel de uma nação em busca de sua própria voz.

4 MACUNAÍMA EM CORDEL

A literatura de cordel é uma forma tradicional de poesia popular que recebeu essa denominação pelos intelectuais brasileiros em torno dos anos 1960/70, adotando a nomenclatura utilizada em Portugal para uma poesia similar ao cordel. Anteriormente, essa literatura era conhecida como 'livrinhos de feira', 'livretos' ou, popularmente, 'folhetos'. O termo 'cordel' provém de 'cordão', já que esses folhetos eram pendurados em cordões ou barbantes para serem vendidos nas feiras (Teixeira, 2008).

Essa literatura em cordel chegou ao Brasil na primeira metade do século XVI, sendo amplamente difundida no Nordeste, região onde a colonização teve início, e posteriormente disseminada para outras partes do país. A cultura brasileira foi moldada pelo hábito de decorar e transmitir histórias oralmente, incluindo cantos de trabalho e cantigas de embalar trazidas pelos colonizadores, o que contribuiu para a tradição de cantar e contar histórias, e preservar acontecimentos cotidianos na memória coletiva (Teixeira, 2008).

Esse gênero é uma manifestação artístico-cultural que se enraíza no nordeste brasileiro, refletindo diversos aspectos marcantes dessa região. Desde a mais remota colonização do Brasil, a questão étnica desempenha um papel relevante na formação do cordel, representando as vivências e tradições do povo nordestino. Além disso, a falta de acesso ao conhecimento registrado nas mãos de poucos privilegiados, como senhores de engenho e políticos, impulsionou a criação dessa forma poética como uma forma de expressão e resistência popular (Gaudêncio; Borba, 2010).

Em um contexto marcado pela seca e uma cultura de subsistência humana, o cordel se tornou um instrumento de apoio e esperança para as comunidades rurais, que encontravam nas histórias rimadas e cantadas um alívio para as agruras do cotidiano. Essas histórias, muitas das vezes, retratavam as peripécias do cangaço, o messianismo presente na região e o patriarquismo ortodoxo que moldava as relações sociais.

Além de ser uma forma de entretenimento, o cordel também desempenhou um papel importante como veículo de informação e denúncia. Em uma época de assistencialismo político, em especial com a indústria da seca, o cordel serviu como um meio de dar voz às necessidades e injustiças enfrentadas pelo povo nordestino (Gaudêncio; Borba, 2010).

Dessa forma, o cordel tornou-se não apenas um registro histórico da trajetória do povo nordestino, mas também uma representação viva e pulsante da cultura popular brasileira. Através de suas rimas e histórias, o cordel dá vida à sociedade e ao mesmo tempo reflete suas esperanças, lutas e anseios. É um verdadeiro refúgio e aporte para uma vida sofrida, oferecendo consolo, identidade e um senso de comunidade para as mãos calejadas pela dura lida camponesa (Gaudêncio; Borba, 2010).

Na obra *Macunaíma em Cordel* (2018), por exemplo, Stélio Torquato reconta a história de Macunaíma, de modo que a regionalidade do cordelista, através do gênero escolhido por ele, seja um diferencial. Em seus versos, Torquato reescreve a história do anti-herói brasileiro que representa e apresenta o Brasil sob a ótica modernista, desprendida daquilo que não serve para a construção de uma identidade nacional.

Com sua linguagem acessível e cativante, o cordel transcende fronteiras e gerações, mantendo-se vivo e relevante na cultura brasileira até os dias atuais. Ele preserva a memória coletiva e é uma forma autêntica de contar histórias e transmitir conhecimento. Assim, o cordel se consolida como uma das mais ricas e genuínas expressões da literatura popular brasileira, testemunhando a força e a resiliência do povo nordestino e da cultura do país como um todo (Gaudêncio; Borba, 2010).

Ao longo do tempo, essa poesia oral se desenvolveu de forma peculiar junto ao homem brasileiro, especialmente no Nordeste, onde teve seu início. A cantoria de viola do grupo de poetas da Serra do Teixeira, na Paraíba, no final do século XVIII, foi uma das primeiras formas conhecidas de cordel, criando as sextilhas sete silábicas. O poeta Agostinho Nunes da Costa foi um dos primeiros cantadores desse grupo, segundo Teixeira (2008).

No final do século XIX, foram registradas as primeiras impressões de folhetos de cordel. O poeta Leandro Gomes de Barros, pombalense, foi o precursor nesse formato, e o primeiro folheto datado é de 1893. A partir desse momento, a literatura de cordel passou a ser escrita além de cantada. Alguns estudiosos associam os folhetos nordestinos aos cordéis portugueses, mas o gênero não foi criado em Portugal. Ao contrário, a literatura de cordel possui elementos de várias culturas, como africana, indígena, francesa, espanhola e de países americanos de língua espanhola, enriquecendo os temas presentes nos folhetos brasileiros.

O auge dessa literatura ocorreu na década de 1930, com a formação de redes de produção e distribuição, centenas de títulos publicados e a constituição de um

público. João Martins de Athayde se destacou como editor nessa época, adquirindo toda a obra de Leandro Gomes de Barros. Os folhetos eram uma forma de lazer e informação, promovendo a socialização das pessoas que se reuniam para ouvi-los.

Na década de 1950, com a migração de nordestinos para o Centro-Sul do Brasil, a literatura de cordel foi propagada nesta região. A partir dos anos 1970, o interesse pelo cordel foi retomado, mas a literatura passou por uma transformação com o surgimento de um público igualmente interessado nesse gênero tradicional. Nas décadas seguintes, após a retomada do interesse pelo cordel nos anos 1970, a literatura de folheto experimentou diversas mudanças e adaptações para acompanhar as transformações sociais e culturais do Brasil. Desse modo, o cordel também passou a ser mais reconhecido e valorizado como parte importante do patrimônio cultural brasileiro.

Nos anos 1980 e 1990, o cordel passou a ser mais estudado e analisado por pesquisadores e acadêmicos, o que ajudou a fortalecer sua legitimidade como uma forma de expressão artística e cultural relevante. O gênero começou a ser mais difundido em escolas e universidades, sendo incorporado aos currículos de estudos literários e de cultura popular. *Macunaíma em Cordel* (2018), de Stélio Torquato, é uma adaptação única e criativa da obra clássica *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, escrita por Mário de Andrade em 1928, que também será analisada nesta produção.

A versão em cordel foi desenvolvida por Torquato, que é um cordelista e professor nordestino com mais de 15 releituras de obras clássicas, nacionais e internacionais, no formato de cordel, e publicada em 2018, trazendo uma nova perspectiva para a história do icônico 'herói' brasileiro. O cordelista renomado e pesquisador da cultura popular nordestina se inspirou na obra de Mário de Andrade e na rica tradição do cordel para recriar a jornada do anti-herói Macunaíma. O resultado é uma narrativa envolvente e acessível, escrita em versos rimados e ritmados, seguindo a métrica característica do cordel.

A história em cordel de Macunaíma mantém os principais elementos do romance original, destacando a figura do protagonista como um anti-herói, símbolo da diversidade cultural e da identidade brasileira. A obra explora a cultura miscigenada do país, incorporando mitos indígenas, lendas folclóricas e elementos da tradição oral nordestina. A intertextualidade temática é evidente na adaptação de Stélio Torquato,

uma vez que a trama central de *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter* é preservada pelo autor.

O cordelista mantém a trajetória do protagonista por diferentes regiões do Brasil, retratando suas aventuras e desafios na busca pelo seu amuleto. A história continua a ser uma reflexão sobre a identidade e cultura brasileiras, abordando questões de miscigenação, regionalismo e diversidade cultural e religiosa. Além disso, a intertextualidade estilística é marcada pela linguagem típica do cordel, que traz musicalidade e vivacidade à narrativa. Os versos rimados e a linguagem regional são recursos que conferem autenticidade à obra, aproximando-a do público popular nordestino e da tradição oral característica do cordel.

5 DO ROMANCE AO CORDEL: UMA ANÁLISE HIPERTEXTUAL À LUZ DA TEORIA DE GERARD GENETTE

As obras *Macunaíma* e *Macunaíma em Cordel* são textos que estabelecem uma relação hipertextual, explorando diferentes formas narrativas para contar a história do icônico anti-herói brasileiro Macunaíma. Enquanto a obra de Andrade é um romance modernista, Torquato recria essa narrativa em forma de cordel, um gênero popular da literatura de folheto no Brasil.

A hipertextualidade entre essas duas obras se manifesta em vários momentos. A semântica, que diz respeito ao significado e ao sentido das palavras, expressões ou conceitos dentro de um contexto específico, é a relação que estabelecemos entre elementos linguísticos com base no seu significado.

Nesse sentido, as obras apresentam um retrato crítico e irônico da identidade e da cultura brasileiras, explorando temas como a malandragem, a mistura de raças, os mitos e as contradições da sociedade. As narrativas também exploram a ideia de um 'herói' anti-herói, representado pelo personagem principal Macunaíma, que desafia as convenções tradicionais dos heróis épicos dos gregos.

O anti-herói de Andrade é uma figura complexa e contraditória, que pode agir de forma desonesta e imoral, mas também revela traços de astúcia e sabedoria. Ademais, o protagonista se envolve em situações cômicas e absurdas, e suas ações muitas vezes desafiam as expectativas do leitor em relação ao comportamento de um herói tradicional. Outro aspecto que desafia as convenções do herói épico é a falta de uma missão nobre e grandiosa para Macunaíma, que busca apenas um amuleto capaz de lhe fazer um homem sortudo.

Enquanto heróis gregos costumam se envolver em grandes batalhas, enfrentar inimigos poderosos ou realizar feitos extraordinários para salvar o mundo ou proteger o seu povo, Macunaíma não possui uma missão heroica clássica. Sua busca pelo amuleto muiiraquitã, embora seja um elemento central na história, não possui o mesmo nível de nobreza e grandiosidade associados às missões heroicas tradicionais. Essa abordagem inovadora das personagens principais e da trama refletem a proposta de ambas as obras em subverter as convenções literárias e romper com os padrões estabelecidos.

O anti-herói Macunaíma representa uma crítica à idealização excessiva dos heróis épicos, revelando a complexidade e a ambiguidade do ser humano e

questionando os valores e mitos da cultura brasileira. Com essa desconstrução do arquétipo do herói, Mário de Andrade e Stélio Torquato destacam a riqueza e a diversidade da cultura brasileira e de suas múltiplas facetas, rompendo com as narrativas simplistas e estereotipadas presentes em muitos contos épicos tradicionais.

É clara a relação do cordel com a narrativa de Andrade. Apesar da diferença formal, ambas as obras mantêm um diálogo profundo. No romance, o autor modernista introduz a história narrando o nascimento de uma criança feia. Já na primeira linha do texto, ele revela que “No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite” (Andrade, 2019, p. 11). Torquato, logo na primeira estrofe, opta por também iniciar o cordel escrevendo sobre o nascimento do anti-herói, mostrando a preocupação do ensaísta e professor com o tempo em que os eventos ocorrem na trama.

No fundo do mato-virgem,
Macunaíma nasceu.
Era herói de nossa gente
Preto bem retinto, e eu
Digo sem pedir segredo
Que ele era filho do medo
Da noite de intenso breu (Torquato, 2018, p. 19).

Ademais, é preciso dizer que esse cuidado com o romance de 1928 está presente em toda a obra de Torquato. O autor faz intervenções precisas na narrativa, tendo em vista a sua adequação ao novo gênero e às características do cordel. Não obstante a isso, ele também expressa a sua identidade enquanto escritor, prezando pelas marcas linguísticas de sua região, de modo que o sentido da obra não seja prejudicado. Um exemplo dessa preocupação no processo de reescritura é quando ele adapta a cena do anti-herói que, indo dormir, “[...] trepava no macuru pequeninho sempre se esquecendo de mijar. Como a rede da mãe estava por debaixo do berço, o herói mijava quente na velha, espantando os mosquitos bem” (Andrade, 2019, p. 11-12).

Quando era para dormir,
No macuru se trepava.
Como a rede de sua mãe
Debaixo do berço estava,
Na velha, urinava quente,
E o mijo, qual repelente,
Os mosquitos espantava (Torquato, 2018, p. 19)

Tanto o romance quanto a obra em cordel, apresentam uma estrutura fragmentada e episódica, com aventuras conectadas de maneira aparentemente desordenada. Essa estrutura reflete a natureza caótica e imprevisível da vida de Andrade e contribui para a atmosfera cômica e fantástica da história. Os textos também incorporam elementos folclóricos, mitológicos e culturais brasileiros, fazendo uso de referências e personagens tradicionais para enriquecer a trama.

No romance, as inúmeras figuras do folclore brasileiro são apresentadas de modo que há um diálogo desses elementos com a tradição do povo brasileiro. Entre outros personagens, destaca-se o Curupira, que tem um papel fundamental para o desenvolvimento dos acontecimentos.

A velha botou o curumim no campo onde ele podia crescer mais não e falou:
 - Agora vossa mãe vai embora. Tu ficas perdido no coberto e podes crescer mais não.
 E desapareceu.
 [...]. Vagamundou de déu em déu semana, até que tapou com o Curupira moqueando carne, acompanhado do cachorro dele Papamel (Andrade, 2019, p. 17).

Em sua obra, Torquato reconta o mesmo episódio, mas de forma adequada ao novo gênero e, apesar de o formato do texto ser diferente, o cordelista consegue adaptar o acontecimento, mantendo o sentido original vivo nos versos da adaptação.

Depois que a mãe saiu,
 O rei da troça e mentira
 Calhou de ver no caminho
 O terrível Curupira,
 O qual com o cão se achava
 E uma carne moqueava
 Numa improvisada pira (Torquato, 2018, p. 26).

No texto modernista de Andrade, a identidade deste país colonizado por europeus é refletida ao máximo, e o cordel segue nessa mesma direção, mas propondo uma leitura com raízes profundamente nordestinas. Segundo Genette (2006, p. 18), “é evidente um aspecto universal (no grau próximo) da literariedade: é próprio da obra literária que, em algum grau e segundo as leituras, evoque alguma outra e, nesse sentido, todas as obras são hipertextuais”.

Outro aspecto importante é a presença do humor e da sátira nas duas obras. Tanto Andrade, quanto Torquato utilizam a ironia e o sarcasmo para criticar e questionar aspectos da sociedade brasileira, como a falta de identidade cultural, a

desigualdade social e as contradições do nacionalismo. Esse tom satírico está presente na linguagem, nos diálogos e nas situações absurdas e exageradas pelas quais o personagem Macunaíma passa.

As críticas às máquinas e ao sistema vigente, especialmente nas grandes cidades, por exemplo, são feitas em um tom irônico que também está presente em *Macunaíma em Cordel* (2018). Mário conta e Torquato reconta a chegada do ‘herói’ à cidade de São Paulo. Nas mãos de Andrade, Macunaíma se depara com o ‘progresso’ e inicialmente se espanta, mas logo as cunhãs ensinam para ele “[...] que todos aqueles piados berros cuquiadas sopros roncões esturros não eram nada disso não, eram máquinas (Andrade, 2019, p. 35) e acrescentam dizendo “[...] que com a máquina ninguém não brinca porque ela mata” (p. 35). Torquato, ao seu modo, reescreve o mesmo episódio, prezando pelo acontecimento, mas adequando ele aos versos do cordel.

Tudo isso aí é máquina
Pelo homem inventada.
Pela eletricidade
É que é movimentada.
E muito cuidado, amigo.
Bater nela é um perigo.
Pode morrer, camarada. (Torquato, 2018, p. 45).

No entanto, apesar dessas semelhanças semânticas, também existem diferenças significativas entre as duas obras. Enquanto o romance de Andrade é um marco do modernismo brasileiro, a obra em cordel de Torquato se baseia nas tradições literárias populares do Nordeste. Essas diferenças estilísticas e estéticas contribuem para a singularidade de cada obra e demonstram a maneira como o escritor reinterpreta e reinventa a história de Macunaíma de acordo com o seu próprio contexto e intenções artísticas.

Enquanto Mário de Andrade apresenta ao leitor um romance modernista, escrito em prosa, Torquato resgata e reinventa o clássico de modo que dialogue com o seu contexto sociocultural. Essas diferenças, inclusive, são bastante perceptíveis quando colocamos os textos lado a lado. No romance, o modernista faz um percurso também linguístico e traz para o seu texto marcas da oralidade de uma nação. Torquato faz o mesmo, mas com uma valorização acentuada dos traços linguísticos de sua região.

Dessa forma, o romance de Andrade apresenta uma linguagem inovadora, com neologismos, regionalismos e uma mistura de diferentes registros linguísticos. *Macunaíma* é repleta de ironia, sátira e humor, e sua estrutura episódica reflete a influência do cinema e das técnicas narrativas fragmentadas.

Por outro lado, *Macunaíma em Cordel* foi publicado em 2018, já em um contexto literário diferente. Stélio Torquato, ao recriar a história de Macunaíma no formato do cordel, resgata uma tradição literária popular e regional, principalmente associada ao Nordeste do Brasil. O cordel, como mencionado anteriormente, é um gênero literário caracterizado por sua linguagem acessível, rimas e métricas específicas, além de uma forte oralidade.

Em sua obra, Torquato dialoga com as raízes culturais nordestinas e com a tradição do cordel, levando *Macunaíma* a um novo contexto de recepção. A obra de 2018 mantém o tom irônico e humorístico presente na versão original, mas adapta sua linguagem e estrutura para se adequar ao estilo e às convenções do novo gênero.

Assim, as diferenças estilísticas e estéticas entre *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter* e *Macunaíma em Cordel* refletem não apenas as escolhas individuais de cada autor, mas também as influências dos movimentos literários e dos contextos culturais nos quais as obras foram produzidas. Essas divergências contribuem para a riqueza da intertextualidade entre as duas obras, demonstrando como diferentes abordagens artísticas podem reinterpretar e reinventar uma história, ao mesmo tempo em que preservam sua essência e dialogam com tradições literárias distintas.

No que diz respeito à hipertextualidade, quanto menos maciça e declarada ela é, “[...] mais sua análise depende de um julgamento constitutivo, e até mesmo de uma decisão interpretativa do leitor” (Genette, 2006, p. 18). Apesar das diferenças, a referência à obra de Andrade é clara no texto de Torquato, que expressa essa relação no título do cordel, no título dos capítulos e na própria história que está sendo contada, deixando explícito o seu caráter hipertextual.

Portanto, comparando isoladamente o romance com o cordel, a obra modernista possui um caráter de hipotexto, enquanto *Macunaíma em Cordel* assume o papel de hipertexto, pois bebe da narrativa do autor modernista para a sua nova produção. Desse modo, a relação que se estabelece entre as obras é de hipertextualidade, uma vez que o texto B está unido claramente ao texto A, respectivamente.

Não caberia dizer aqui que a relação hipertextual que os textos mantêm entre si é uma simples transformação, mas sim uma reelaboração, uma vez que Torquato reconta a história do anti-herói brasileiro sem que a temática do romance se perca, apenas se adapte à nova forma. A obra do escritor nordestino é, pois, um pastiche que deriva, por meio da imitação, de uma obra A, se diferenciando, apenas, pela sua “[...] função e [pelo] seu grau de exacerbação estilística” (Genette, 2006, p. 20).

Mário inova ao criar uma narrativa fragmentada e com toques de improvisação. Essa experimentação estilística reflete a jornada caótica do protagonista por todo o país, incorporando uma pluralidade de vozes e discursos, além de desafiar as convenções narrativas tradicionais. O autor também se apropria de elementos de diferentes correntes literárias, como o modernismo e o regionalismo, além de traços do folclorismo, para compor uma obra que se destaca pela sua originalidade e ousadia artística.

Em contrapartida, *Macunaíma em Cordel* é uma releitura da história do anti-herói brasileiro no formato de cordel. Nessa adaptação, a intertextualidade temática é mantida ao preservar o tema central da cultura e da identidade brasileiras. A trajetória de Macunaíma é recontada em versos rimados e ritmados, trazendo à tona a riqueza do cordel como manifestação artística da cultura popular do Brasil.

Na direção do pensamento de Genette, Paulino, Walty e Cury (2005, p. 54) assumem que “toda leitura é necessariamente intertextual, pois, ao ler, estabelecemos associações desse texto do momento com outros já lidos”. Em outras palavras, todos os textos se relacionam em maior ou em menor grau, e essa relação “[...] independe do comando de consciência do leitor, assim como pode ser independente da intenção do autor” (p. 54).

Ambas as obras apresentam exemplos de hipertextualidade explícita e implícita. Enquanto *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter* faz referências diretas a mitos e lendas brasileiras, *Macunaíma em Cordel* incorpora elementos do cordel tradicional e recria a história sem que seja preciso mencionar explicitamente e constantemente a fonte original. Essa hipertextualidade contribui para a diversidade cultural e artística da literatura brasileira, estabelecendo conexões significativas entre obras de diferentes tradições e épocas.

No caso do cordel, toda a relação que ele mantém com o romance é bastante clara, sendo ele inteiro uma derivação da obra original. Na perspectiva de Genette (2006, p. 19) a derivação “[...] do hipotexto ao hipertexto é ao mesmo tempo maciça

(toda uma obra B deriva de toda uma obra A) e declarada, de maneira mais ou menos oficial”. Desse modo, o texto de Torquato assume o caráter de um texto pastiche, que é quando uma obra B deriva, por meio da imitação, de uma obra A. Outrossim, “[...] o pastiche, a charge, a forjação procedem todos de inflexões funcionais conduzidas por uma prática única (a imitação), relativamente complexa, mas quase inteiramente prescrita pela natureza do modelo” (Genette, 2006, p. 27-28).

Outro momento relevante para esta discussão é o desfecho de ambas as obras. No fim do romance e, conseqüentemente, no fim do cordel, PiauÍ-Pódole, com dó do ‘herói’, fez um feitiço e transformou ele em uma “[...] constelação nova. É a constelação da Ursa Maior” (Andrade, 2019, p. 140). Na obra de Torquato, esse mesmo acontecimento é retratado nos versos igualmente ricos, mas resumidos devido às exigências do novo gênero. Na imitação,

Como suas coisas, o herói
 Fez-se estrela na amplidão.
 Assim, ele e sua tralha
 Criaram a constelação
 Chamada de Ursa Maior
 (Guardem a história de cor;
 Não se esqueçam nunca não) (Torquato, 2018, p. 156).

Como discutido até aqui, *Macunaíma em Cordel* se destaca pelo uso das características típicas do cordel, como a métrica e a linguagem regional. Stélio Torquato faz uma releitura criativa e acessível da narrativa original de Mário de Andrade, adequando-a ao estilo próprio do cordel. Dessa forma, o autor estabelece um diálogo hipertextual com o romance através da tradição popular da literatura de folheto, adaptando a história para um formato mais próximo da oralidade, típica das narrativas cordelistas.

O hipertexto (B) é mais potente do que o hipotexto (A), considerando, pois, as contribuições no processo de reescritura, portanto, o hipertexto ganha “[...] sempre - mesmo se esse ganho pode ser julgado, como se diz de certas grandezas, negativo - com a percepção de seu ser hipertextual” (p. 44-45).

Ao estabelecer conexões significativas entre obras de diferentes tradições e épocas, a hipertextualidade, como dito anteriormente, enriquece o repertório literário nacional, ressaltando a riqueza das influências e inspirações presentes na produção artística brasileira. Além disso, a hipertextualidade promove um diálogo entre autores e leitores ao evocar obras do passado e do presente, criando um tecido literário que

se entrelaça e se renova constantemente. Essa troca de referências literárias também ajuda a preservar a memória cultural e a valorizar a tradição literária do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise feita entre as obras *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter* (2019), de Mário de Andrade, e *Macunaíma em Cordel* (2018), de Stélio Torquato, foi possível identificar e discutir as relações hipertextuais entre ambos os textos, destacando suas semelhanças e diferenças semânticas e formais. Através desta análise, ficou evidente que ambas as obras compartilham uma conexão profunda, refletindo a hipertextualidade através do processo de reescrita.

Os dois textos reinterpretem e reinventam a figura do 'herói' brasileiro através de Macunaíma. O cordel preserva a história da obra original e, de certa forma, reinterpreta a narrativa ao público. Esta pesquisa proporcionou, portanto, uma visão mais ampla da identidade brasileira e das abordagens artísticas que desafiam estereótipos e padrões estabelecidos. Além disso, a hipertextualidade entre essas duas obras permitiu um diálogo entre diferentes formas literárias e tradições, enriquecendo a compreensão da literatura como um todo.

Este estudo também contribuiu para valorizar *Macunaíma em Cordel* (2018), de Stélio Torquato, uma obra mais jovem e inspirada em uma tradição literária nordestina, que merece igual atenção e respeito em relação ao clássico de Mário de Andrade. Dessa forma, a pesquisa atendeu aos objetivos específicos estabelecidos no início do trabalho, fornecendo uma discussão aprofundada sobre a hipertextualidade presente nas obras estudadas, revelando o processo de imitação, de pastiche feito por Torquato.

Por fim, é importante destacar que este estudo representa apenas um ponto de partida para futuras investigações sobre a relação hipertextual entre *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter* e *Macunaíma em Cordel*. Novas abordagens e perspectivas podem revelar outras camadas de significado e enriquecer ainda mais o entendimento dessas obras e a sua relevância na construção da identidade literária do Brasil. Espera-se, assim, que esta pesquisa inspire estudiosos e pesquisadores a continuarem explorando as inúmeras possibilidades que a hipertextualidade oferece para a compreensão e apreciação da literatura brasileira.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. 2. ed. Brasília: Edições Câmara, 2019.
- BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbnmnibpcjpcglclefindmkaj/http://gips.usuarios.rdc.puc-rio.br/bakhtin.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2023.
- BORBA, Cássio; ROCHA, Alexandre. Julia Kristeva e a Semanálise: dos dialogismos às significâncias. **Animus**. Santa Maria: [s.n.], v. 17, n. 34, 2018, p. 39-53. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/29032/pdf>. Acesso em: 13 fev. 2023.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BROOKSHAW, David. **Raça e cor na literatura brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- CARVALHAL, Tânia. **Literatura Comparada**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1971808/mod_resource/content/1/Tania%20Franco%20Carvalho%20%28i%29.pdf. Acesso em: 26 jun. 2023.
- COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Global, 2004.
- COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 19 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- COUTINHO, Afrânio. **Conceito de Literatura Brasileira**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CRUZ, Antonio Donizeti; MADEIRA, Manoel Pedro. Literatura e intertextualidade em João Manuel Simões: leituras e diálogos poéticos. **Caderno PDE: os desafios da Escola pública paranaense na perspectiva professor PDE**, v. 1. 2013. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unioeste_port_artigo_manoel_pedro_madeira.pdf. Acesso em: 03 maio 2023.
- FUSARO, Márcia. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. In: ANDRADE, Mario de (org.), 2. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019. Disponível em: <https://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/39181/Macuna%C3%ADmaAndrade.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 03 maio 2023.
- GARCIA, Ângela *et al.* **Estudos de literatura brasileira: modernismo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1986.

GAUDÊNCIO, Sale Mário; BORBA, Maria do Socorro. O cordel como fonte de informação: a vivacidade dos folhetos de cordéis no Rio Grande do Norte.

Biblionline, João Pessoa, v. 6, n. 1, p. 82-92, 2010. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/biblio/article/view/4905/3710>. Acesso em: 14 jul. 2023.

GENETTE, Gerard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, 2006. Disponível em:

<https://www.yumpu.com/en/document/view/52506817/genette-gerard-palimpsestos-a-literatura-de-segunda-maopdf>. Acesso em: 12 jul. 2023.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira: Modernismo**. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

MATOS, José Veríssimo. **História da Literatura Brasileira**. Ministério da Educação, 1915. Disponível em:

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000116.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2023.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PAULINO, Graça; WALTY, Ivete; CURY, Maria Zilda. **Intertextualidades: teoria e prática**. 6. ed. São Paulo: Formato, 2005.

PEREIRA, Marcos Paulo T. **A invenção do Brasil: o país efabulado no Modernismo nacional**. Macapá: UNIFAP, 2016.

PONTES, Carlos Gildemar. **Crítica da razão mestiça**. Fortaleza: Acauã, 2021.

_____. A hipertextualidade n'O gato de botas. In: *Cacos da Modernidade: Ensaios decoloniais*. Fortaleza: Expressão/ Acauã (no prelo).

REZENDE, Neide. **A Semana de Arte Moderna**. São Paulo: Ática, 1993.

RUIZ, Eliana Maria; FARIA, Melissa Bortoloto. A intertextualidade no gênero resenha. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 12, p. 99-128, 2012. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ld/a/HsXZPxjQSFJYbwFvCGvFYKD/?format=html&lang=pt#>. Acesso em: 19 mar. 2023.

SALES, Paulo Alberto. Paródia e Pastiche: hipertextualidades narrativas. **Revell**, Goiás, v. 3, n. 26, p. 155-171. Disponível em:

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/REV/article/view/4325/pdf>. Acesso em: 12 jul. 2023.

SAMOYAUULT, Tiphayne. **A intertextualidade**. São Paulo: Hucitec, 2008. Disponível em: <https://dtllc.fflch.usp.br/sites/dtllc.fflch.usp.br/files/Intertextualidade%20-%20Livro%20completo.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2023.

SANDRONI, Carlos. **Mário contra Macunaíma**. São Paulo: Vértice, 1988.

SANTOS, Alessandra. 2013. Disponível em:
https://www.researchgate.net/profile/Joani-Lyra-2/publication/284356838_SUICIDIO_UM_CASO_DE_SAUDE_PUBLICA/links/5f847a0d92851c14bcc186b2/SUICIDIO-UM-CASO-DE-SAUDE-PUBLICA.pdf. Acesso em: 14 jul. 2023.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

TEIXEIRA, Larissa Amaral. **Literatura de Cordel no Brasil: os folhetos e a função circunstancial**. Brasília: UniCEUB, 2008. Disponível em:
<https://core.ac.uk/download/pdf/185252229.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2023.

TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda europeia e Modernismo brasileiro**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

TORQUATO, Stélio. **Macunaíma em Cordel**. Fortaleza: Luazul, 2018.

ZANI, Ricardo. Intertextualidade: considerações em torno do dialogismo. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 121-132, jan./jun. 2003.